



DIAS DE ÍNDIO: VIVÊNCIAS E DISCUSSÕES SOBRE CULTURA GUARANI MBYÁ NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA NÃO INDÍGENA

Antonio Luis Fermino¹
Eliton Clayton Rufino Seára²
Diná Corbetta da Silveira³

RESUMO

O objetivo desta pesquisa buscou apresentar elementos para a construção de discussões e reflexões sobre o modo atual de vida dos povos indígenas e, aqui em específico dos Índios Guarani Mbya. Este trabalho foi realizado no ano de 2009, entre os meses de abril e maio na condição de trabalho de conclusão de curso (TCC), da disciplina estágio supervisionados do sétimo período da graduação em Educação Física na UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí. No decorrer deste estágio, as oportunidades foram diversas, não apenas na construção de desenvolvimento de habilidades e competências, mas também na perspectiva de ampliação de possibilidades e vivências corporais, compreensão, participação a partir do tema abordado.

Palavras-chave: Guarani Mbyá – Educação física – Práticas corporais

DAYS OF INDIAN: CULTURAL EXPERIENCES AND DISCUSSIONS GUARANI MBYÁ IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN A NON-INDIAN SCHOOL

ABSTRACT

This research sought to provide evidence for the construction of discussions and reflections on the current mode of life of indigenous peoples, and here in the Guarani Indians Mbya specific. This work was carried out in 2009 between the months of April and May in the working condition of completion (TCC), the discipline of the seventh stage supervised period of undergraduate physical education at UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí. During this stage, opportunities are diverse, not only in building skills development and skills, but also looking to expand the possibilities and bodily experiences, understanding, participation from the subject.

Key words: Guarani Mbya - Physical education - Practice bodily

¹Licenciado em Educação Física e Mestrando em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

²Licenciado em Educação Física e Mestrando em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

³Licenciado em Educação Física e Mestre em Psicologia pela PUCRS e Orientadora do Estágio Supervisionado do 7º período de Educação Física da UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí.



DÍAS INDÍGENAS: EXPERIÊNCIAS CULTURAIS Y DEBATES MBYÁ GUARANI EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN UNA ESCUELA NO INDÍGENA

RESUMÉN

Esta investigación busca aportar pruebas para la construcción de los debates y reflexiones sobre el modo actual de vida de los pueblos indígenas, y aquí en la específica indígenas Mbya Guaraní. Este trabajo se llevó a cabo en 2009 entre los meses de abril y mayo en las condiciones de trabajo de finalización (TCC), la disciplina de la séptima etapa supervisada periodo de la educación física de pregrado en UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí. Durante esta etapa, las oportunidades son diversas, no sólo en la construcción de desarrollo de habilidades y destrezas, sino también busca ampliar las posibilidades y experiencias corporales, la comprensión, la participación del sujeto.

Palabras clave: *Guaraní Mbyá - Educación Física - Práctica corporal*

Introdução

Vivemos no Brasil, país tropical, terra do sol, de belas praias, lindas paisagens com belos cartões postais e carnaval todos os anos. País com uma grande diversidade cultural, colonizado por italianos, espanhóis, portugueses, japoneses, alemães, franceses, ingleses, entre outros. País também com muitos problemas, econômicos, sociais, país que originalmente era habitado por diversas etnias/povos que ainda não são totalmente valorizados: os indígenas.

De acordo com a FUNAI⁴, no Brasil, vivem cerca de 460 mil índios, distribuídos entre 225 sociedades indígenas, que perfazem cerca de 0,25% da população brasileira.[...] havendo estimativas de que, além destes, há entre 100 e 190 mil vivendo fora das terras indígenas, inclusive em áreas urbanas (2011, p. 1)

Os problemas enfrentados pelos povos indígenas são muitos: a maioria das terras ainda está em fase de demarcação ou homologação; muitas áreas são indígenas invadidas por não índios; há imensas dificuldades de acesso à saúde e à educação e, um não reconhecimento de suas alteridades no que tange seus processos próprios de aprendizagem.

Ainda, quando menciona-se o contexto escolar e os conteúdos referentes a estes povos, nota-se que os livros didáticos⁵ utilizados na escola para tratar suas histórias e contextos, por inúmeras vezes apresentam visões eurocêntricas, ou seja, o olhar dos colonizadores e, com isso muito fica-se distorcido no que diz respeito: a quem são estes povos?, Como vivem? E, o que passaram?

Com isso ao reconhecer estas circunstâncias propusemos realizar um trabalho que pouco se vê nas escolas e, ainda não realizado na Universidade que frequentamos. Sendo assim, expressamos que deixar de lado somente a comemoração do dia do Índio e alcançar novas reflexões acerca desta temática na

⁴ Fundação Nacional do Índio - FUNAI - SEPS Quadra 702/902 Projeção A, Ed. Lex 70.390-025 - Brasília/DF.

⁵ O livro: A temática indígena na escola, produzido pelo MEC, traz apontamentos muito interessantes em um de seus artigos sobre os conteúdos referentes às culturas dos povos indígenas trabalhados na escola, revelando que esses conteúdos muitas vezes são distorcidos e vistos apenas por uma ótica da colonização.



escola, mais especificamente, nas diferentes especificidades da Educação Física, buscando apresentar elementos para a construção de discussões e reflexões sobre o modo atual de vida dos povos indígenas e, aqui em específico dos Guarani Mbya, seria uma forma ousada e instigante tanto para novos entendimentos por parte dos educandos, bem como para nossa formação como educadores.

Acreditamos que através das práticas corporais da cultura indígena Mbya nas aulas de Educação Física, poderíamos aguçar e despertar o interesse dos educandos para um novo olhar da EF, bem como construir coletivamente outras visões sobre a cultura Guarani.

Índios guarani

Os índios Guarani pertencem à família linguística Tupi-Guarani e vivem numa região que se espalha pelo Paraguai, Argentina, Uruguai, Brasil e Bolívia. No Brasil, ocupam um espaço que inclui os estados de Mato Grosso do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, tendo sua população no país estimada entre 34.000 a 35.000 pessoas. Sem ser raro, vivem próximos às cidades, tendo familiaridade com elementos da cultura ocidental como rádio e televisão (Coelho 2004). A população no Brasil tem entre os Kaiowa (18.000 a 20.000), Nandeva (8.000 a 10.000) e Mbyá (5.000 a 6.000). Essa estimativa grosseira baseia-se em dados levantados na última década (Ricardo (Coord) 2008 apud CHASE-SARDI, 1990; MELIÀ, 1997; dirección general de asuntos guaranis da provincia de misiones, 1997).

Alguns elementos hoje presentes na cultura Guarani como instrumentos musicais Segundo Coelho (2004) já são tão antigos quanto o contato com os invasores europeus, especialmente missionários, que vem desde o século XVII. Uma característica marcante de seu sistema musical atual é o uso de instrumentos de cordas como o violão (mbaraka) e a o violino (rabeca/rave, ou guyrapa-pe), de utilização largamente difundida, ao lado do tambor (ãgua-pu), bastão de ritmo (takua-pu) e chocalho (mbarakamirin).

Guarani Mbyá

Entre os índios Guarani, os Mbyá são uma das “famílias”, um grupo desses povos indígenas, que carregam o estigma de “aculturados”, pois vivem com roupas e tem um contato extremo com a cultura ocidental. Em se tratando do contado desses povos com os não indígenas pode-se observar como os Guarani os chamam:

Os Guarani Mbyá referem-se aos brancos como jurua. Não se sabe ao certo desde quando empregam esse termo, porém, hoje, ele tem uso corrente e parece destituído de seu sentido original. Jurua quer dizer, literalmente, “boca com cabelo”, uma referência à barba e ao bigode dos europeus conquistadores. De todo modo, o nome jurua foi criado a partir do contato com os brancos colonizadores e passou, com o tempo, a ser uma referência genérica aos não índios (LADEIRA, 1992, p. 21).



Em se tratando do dialético utilizado pelos Guarani Mbyá, que é o Guarani do tronco linguístico Tupi, o Professor Marcos Karai⁶ da aldeia M'Biguaçu relata em entrevista⁷ realizada, que os Guarani Mbya mantêm sua língua viva e plena, sendo a transmissão oral o mais eficaz sistema na educação das crianças, na divulgação de conhecimentos e na comunicação inter e entre aldeias, constituindo-se a língua no mais forte elemento de sua identidade.

Aldeia Mbyá Biguaçu: Breve apresentação

Em 1987, portanto, pouco mais de 20 anos os primeiros moradores instalaram acampamento, onde atualmente é a aldeia M'Biguaçu. A Aldeia M' Biguaçu (Mbyá Biguaçu), denominada pelos Guarani que ali vivem de TeKoá Yynn Moronti Wherá (Yynn - água; moronti - reflexo; wherá – brilhante, cristalino), é território demarcado desde 1995 e homologado como terra indígena em cinco de maio de dois mil e três, com 58 hectares.

Quem chega na aldeia logo pode observar uma casa de artesanato, que é o ponto de referência da Aldeia. Com uma subida longa, ao decorrer do caminho é possível observar um lago, que os Guarani relatam que sua água é para consumo, também uma pequena nascente onde as crianças brincavam em uma pequena cachoeira, mais alguns metros avistam-se casas de material e também de madeira e por fim ao topo a escola Indígena Wherá Tupã Poty Djá, onde tem-se uma visão privilegiada do mar de Biguaçu. Na escola os muros são pintados com elementos da cultura Mbya e levam até um caminho que chamam de réplica de uma aldeia mais antiga, tendo casa de reza, muitos caminhos com arvores e explicações escritas sobre seus benefícios entre outras possibilidades.

Práticas Corporais Indígenas

A prática corporal indígena está ligada as suas danças e jogos que sua sociedade pratica em diversos eventos, como rituais e comemorações. Cada sociedade tem sua prática corporal que tem como objetivo preparar fisicamente o índio para jogos e para o ambiente natural, que exigem maior capacidade de força física, reflexo apurado, rapidez em locomover entre outros. Esse entendimento, sobre o conceito de prática corporal, pode ser expressado a partir das reflexões que Mauss (1974) *apud* Grando, Oliveira e Aguiar (2009 p. 2) realizou sobre a técnica corporal dizendo que ela: expressa à cultura de um grupo, ou seja, expressa sua maneira de ser coletiva.

Neste sentido, um dos elementos das práticas corporais, a dança para os Mbya é um elemento sagrado e junto com a música estão inter-relacionadas. Partindo deste ponto podemos observar o que Mendes Mara nos diz sobre a dança que esta é uma expressão corporal da emoção autentica por meio de passos sincronizados com a música e o ritmo do movimento, está indissociada da música, do canto e dos instrumentos musicais, indispensáveis desde sua origem até a atualidade (2006, p.74) Menezes nos diz que:

⁶ Karai: esse termo é utilizado entre os Mbya para designar um representante tanto nas questões educacionais, bem como espirituais da aldeia, ou seja, alguém com experiência que pode repassar ensinamentos aprendidos com outras lideranças da aldeia.

⁷Todas as entrevistas realizadas no ano de 2009, na aldeia M'Biguaçu, com o professor Marcos Karai, estão digitalizadas em CD'S e, já foram utilizadas com a permissão do Cacique Hirao em duas formações de professores em escolas do município de Itajaí.



“A dança **Guarani** pode ser localizada como parte de um ritual que reatualiza o pertencimento **Guarani**, ou seja, o encontro com o seu lugar no mundo. O ritual, neste exemplo, será investigado como a possibilidade de uma vivência que se destina a celebrar repetidas vezes a experiência do profundo pertencer **Guarani**... uma grata celebração da vida”

Outro elemento indispensável para os Guarani é a relação das danças, rituais com a natureza, a maioria das danças realizadas se exprimem em algo relacionado à natureza. Neste sentido Vieira nos trás que os...

[...] Os **Guarani** são profundos conhecedores do ambiente em que vivem. Adquiriram esse conhecimento pela ampla observação dos fenômenos e do cosmos como um todo. Guiam seu calendário baseado nas mudanças da lua, assim determinam as cerimônias, o plantio, a colheita, preparo das ervas, entre outros. Para eles, NHANDERU está presente em tudo o que está posto no mundo. Por isso é necessário saber respeitar e se apropriar das coisas da natureza sem destruí-la. A relação que têm com a terra, com a natureza, é de um profundo respeito. (Vieira, 2006, p.95)

Os povos indígenas possuem danças e gestos específicos, usam o corpo nos rituais e nas brincadeiras. Porém, os conceitos de corpo e pessoa mudam de acordo com cada sociedade, bem como os usos que fazem de seus corpos.

Educação Física e Interdisciplinaridade

Nas discussões contemporâneas da educação, trabalhar na escola com a interdisciplinaridade é uma proposta que procura promover a interação de uma temática com elementos e subsídios de diversas áreas do conhecimento, pois juntamente com outras áreas é possível problematizar um tema como uma abrangência maior e, na verdade não fragmentar possibilidades de reflexões.

De acordo com Santomé (1998), o termo interdisciplinaridade surge ligado à finalidade de corrigir possíveis erros e a esterilidade acarretada por uma ciência excessivamente compartimentada e sem comunicação interdisciplinar. Então ela surge para ligar uma disciplina à outra podendo assim, possibilitar um melhor entendimento de um determinado assunto por parte dos educandos.

As aulas de Educação Física, ao focar os corpos em movimentos e em interação, podem se transformar em momentos privilegiados para ricas discussões, vivências e elaboração de propostas que tragam à baila a história e a cultura da população africana e afro-brasileira e de outras culturas [no nosso caso as culturas indígenas⁸]. [...] abarcando também outras disciplinas, e não somente dessa área, os professores mostram-se

⁸ A questão da inserção da temática afro descendente e indígena na escola pode ser observada como obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino, a partir da lei 11 645 de 2008, que foi modificou a lei 10 638 de 2003, que na ocasião remetia-se aos elementos da cultura afro descendente, sendo posteriormente inseridas as questões indígenas. “**Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena**”



dispostos a ouvir e ler o que ainda não foi lido ou ouvido nas escolas. Seja por meio da língua, do corpo ou das artes. (BRASIL, 2007, p. 28-29).

As aulas de Educação Física são momentos de debates sobre a identidade dos movimentos, das danças, lutas, jogos, entre outros. É positivo discutir com os educandos como surgiram essas manifestações que fazem parte do dia-dia escolar. E a interdisciplinaridade além de essencial, serve para facilitar o processo ensino-aprendizagem do educando.

Procedimentos metodológicos

No que se refere à forma de abordagem utilizada para este estudo, optou-se com clareza pela pesquisa qualitativa que se fundamenta em descrições detalhadas de situações. Entendemos que este estudo revela-se como uma reflexão importante para a área da EF, dessa forma a escolha por este tipo de pesquisa que, prioriza a palavra, os sentidos, significados em detrimento a números, quantidades é a melhor opção.

A partir deste conceito de pesquisa que tem em seu caráter a descrição de todo um contexto do estudo, remete-se a importância do trabalho descritivo, pois é por meio dele que os dados são coletados (MAANEN 1979 apud NEVES 1996, p.1)

Segundo Silva (2001, p. 58) “[...] os dados podem ser transcritos a partir de entrevistas, registros de observações, documentos escritos, fotografias, filmagens, etc.”

No que tange nossa imersão no ambiente pesquisado e interagido, pode-se dizer que esta pesquisa/trabalho assumiu um caráter participativo/cooperativo e, com isso designasse este estudo como uma pesquisa ação, fazendo valer o que Gil relata que este estudo é:

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação [...] no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (2002, p.55 apud THIOLENT, 1985, p.14).

O nosso campo de pesquisa foi o Parque Dom Bosco⁹, Rua Brusque nº 1333, bairro Dom Bosco da cidade de Itajaí/SC.

Os ambientes onde eram ministradas as aulas foram: o parque, a sala de aula, o auditório, a quadra coberta, o pátio e o estúdio de música. Com relação aos materiais utilizados nas intervenções foram levados filmadora para registrar os momentos de cada intervenção, CDs contendo vídeos da aldeia¹⁰ (violão elétrico, chocalho e pau-de-chuva (instrumento da aldeia M'Biguaçu) e outros instrumentos que foram confeccionados pelos educandos, como por exemplo, tambores, chocalhos e instrumentos que a própria instituição nos emprestou: carrilhão, pandeiro, violões e tambores.

O professor André (professor da oficina de música) junto com a administração da instituição passou seus horários para que pudéssemos ministrar as aulas nas segundas e quartas feiras dos meses de abril e maio de 2009, totalizando entre oficinas e preparação do material uma carga horária de 60 horas. Em

⁹ O Parque dom Bosco é uma instituição não formal que atende educandos de diferentes idades. Realizam-se oficinas de artes, reciclagem, música (educandos relacionados para o trabalho) e práticas desportivas.

¹⁰ Foram realizadas anteriormente as intervenções, três visitas a aldeia indígena M'Biguaçu, que nos subsidiaram muito durante todo o processo com os educandos, realizamos gravações com uma câmera filmadora para facilitar nossos registros e utiliza-los nas aulas. Todas as gravações foram autorizadas pelo cacique da Aldeia na primeira visita, que por sinal, levou-se um pedido da Universidade (Univali) para realizar a pesquisa.



muitas de nossas intervenções conversamos com o professor regente da oficina para que pudéssemos ficar mais tempo com os educandos, pois o tempo era muito curto para as intervenções e necessitávamos um pouco mais de tempo. A oficina de música contava com 10 educandos no período matutino.

Para que pudéssemos realizar nossas aulas foram construídos planos de aula que traziam os objetivos de aula para o dia e as atividades que seriam propostas aos alunos. Após as nossas aulas, realizamos a construção de um relatório que descrevia todos os acontecimentos ocasionados nas intervenções. Estes relatórios serviram para reflexões e auxiliavam para construção dos próximos planos de aula

Contextualização do estudo

Iniciar uma nova etapa no processo de formação acadêmica é sempre uma incógnita, e quando se trata do estágio docente, a dúvida é ainda maior. Sempre fazemos questionamentos acerca do que iremos encontrar e se conseguiremos realizar nosso trabalho. Questionamentos necessários, porém estas perguntas muitas vezes nos atrapalham ao momento que se nos preocupamos somente com a quantificação de resultados, e não com o processo de construção do saber de nossos educandos, poder-se-á assim priorizar o mecânico, em detrimento ao crítico e reflexivo.

Neste sentido, pensar uma educação escolar em que o educador deve articular os conhecimentos, conteúdos, com a vida social dos educandos, é expressar uma educação para a totalidade, tornando “[...] o ensino uma profissão maravilhosa se conseguirmos equilibrar as competências técnicas com as sociais”. (Godson apud Carbonell 2002, p.109).

Justificando a importância de uma educação com esta concepção, e sendo a Educação Física inserida no contexto escolar e, ainda mais lidando com o corpo, pode-se aqui fazer valer a reflexão de Gonçalves (1994, p.14) apud Ribeiro (s/d), que afirma que:

A Educação Física, lidando com a corporeidade e movimento, não tem diante de si um corpo simplesmente biológico, que será um instrumento da alma, não apenas um feixe de reações a estímulos externos ou internos, mas a exterioridade visível de uma unidade que se esconde e se revela no gesto e nas palavras. Conceber a corporeidade integrada na unidade do homem significa resgatar o sentido do sensível e do corpóreo na vida humana.

Seguidos dessas leituras, que ressaltam uma educação para além do conteúdo, iniciamos nossa primeira intervenção, a aula diagnóstica, procurando conhecer os educandos e observar qual era o conhecimento que cada um possuía sobre Educação Física, ficando evidente na fala¹¹ de um educando, mas aqui representando outras falas que: (educando Y) “*é um momento para praticar um esporte e quem não gosta e não sabe nem joga*”. Nesta primeira impressão notamos que a seletividade, algo já construído na escola estava presente no que representava a Ed. Física para os educandos.

Com o decorrer de nossa intervenção, antes mesmo de falar aos educandos qual era nossa proposta de estágio questionamos os mesmos sobre qual era o conceito de cultura que eles possuíam. Os conceitos relatados foram: *Arte, Culinária, Música Lutas, Esportes, Cultura Indígena, Costumes, Tradições*. Um dos educandos disse que a cultura é passada ao longo dos tempos. Ainda nesta discussão perguntamos se

¹¹Todas as falas sobre os conceitos indagados foram colocados no quadra da sala de aula, para uma reflexão posterior as mesmas



a cultura se modificava ao longo do tempo, e um dos educandos disse: “a cultura não muda” (educando P.). Outro rebateu dizendo: “muda, tudo muda” (educando M.). Desta forma abordamos nosso tema: a cultura indígena Guarani.

Na intervenção seguinte, fizemos uma atividade sobre o que os educandos pensavam acerca dos índios numa visão global, e a partir dos conceitos discutidos construímos um boneco em sala com eles, chamado **boneco do conceito**¹². Neste boneco os educandos escreveram em um papel e colaram todos os conceitos sobre os índios.

Na intervenção seguinte foi construído coletivamente o nome do grupo indígena, ou até mesmo dizendo o nome da aldeia da sala, que em Guarani se chama Caiuá. Trouxemos algumas palavras em Guarani e seus significados, as palavras eram: Amanari=Água de chuva, Cunhataí=Menina, Iaciara=Espelho da lua, Irani= Abelhinha, Piatã=Forte, rijo, vigoroso, Potira=Flor. E desta forma pela escolha feita por votação o nome da Caiuá ficou Cunhataí Iaciara (**Menina Espelho da Lua**), ou seja, metade da turma escolheu uma palavra e metade outra, assim decidiu-se juntá-las.

Na segunda parte desta intervenção fomos para a área externa (quadra de tênis), para realizar a segunda atividade, na qual os educandos deveriam construir uma música que envolvesse elementos da natureza, já que havíamos problematizado sobre a importância da natureza, da mãe terra para a cultura Guarani. Os educandos escolheram os seguintes elementos: Água, Sol, Natureza, Fogo e Ar, e a partir deles, em uma roda todos alguns começaram a falar e entusiasmar os demais, e no trabalho por volta de 20 minutos depois apresentaram a música desta forma: *Cunhataí Iaciara é a nossa Caiuá 2x, a água serve pra hidratar, o sol vem iluminar, da natureza temos que cuidar... Cunhataí Iaciara é a nossa Caiuá 2x... O fogo vem nos esquentar, e o ar serve pra respirar... Cunhataí Iaciara é a nossa Caiuá 2x*. Expressamos nossa alegria aos educandos ao ver que a atividade havia dado certo, porém mais que isso, que todos participaram e construíram juntos a atividade, a partir de seus conhecimentos.

Dessa forma podemos citar os pensamentos de Freire (1996 p.33) ao falar que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos: Por isso pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, a escola, o dever de não só respeitar os saberes com os educandos, sobretudo os das classes populares.

Na intervenção posterior queríamos fazer com que os educandos conhecessem os instrumentos indígenas para também utilizá-los em outras atividades seguintes e na própria música feita por eles. Dessa forma optamos por trabalhar com materiais alternativos, ou podendo-os chamar de reaproveitáveis. Partindo dessas referências levamos galhos de arvores, arroz, fita, garrafas pet, tinta guache, baldes de pintura e argamassa, pincel, papel pardo, tesoura, cola – estes materiais eram adaptações dos chocalhos e tambores para que pudéssemos trabalhar com instrumentos indígenas, assim mostrando que com materiais alternativos, também pode-se realizar música. A partir destes materiais, os educandos construíram instrumentos simbólicos utilizados nas canções e danças da cultura indígena guarani. As pinturas nos instrumentos foram feitas em seguida. E até o fim da intervenção os utilizaram cantando diversas músicas inclusive a composta pelos mesmos.

Em uma das intervenções mostramos os vídeos que fizemos na aldeia. Estes serviram para os educandos observarem como os indígenas se vestem, comem, falam, onde eles vivem e como se comportam uns com os outros e até mesmo com pessoas de fora da aldeia. Ao iniciar os vídeos os educando fizeram algumas perguntas e a uma delas era saber: educando (L) onde fica **a tribo**? Quando o

¹² Alguns conceitos relatados pelos educandos: índios não tomam banho; arco e flecha; comem peixe; vivem na floresta; caçam animais; moram nas tribos; dentre outros.



educando falou em tribo, podemos problematizar que o termo utilizado atualmente seguindo os estudos antropológicos, sociológicos e educacionais é Aldeia Indígena, já que Segundo Ramos (1986, p.10), com a conquista, os europeus, e depois deles as nascentes nacionalidades sul-africanas, passaram a categorizar as populações indígenas: os mansos e os bravos, os Tupi e os “Tapúya”, os selvagens e os civilizados.

Aplicam o conceito de tribo, que sobreviveu na linguagem cotidiana. Morton Fried apud Ramos (1986, p.10) diz que: [...] tribos são entidades criadas pela situação do colonialismo ou de outro tipo de dominação vinda de fora. Resultam do rearranjo das unidades e relações sociopolíticas subseqüentes à conquista quer militar, quer política ou econômica [...].

Dessa forma na intervenção seguinte realizamos a dança dos Macacos/Guerreiros, que foi vista pelos educandos nos vídeos. O objetivo da atividade era contextualizar o porquê da dança, ou seja, seu significado seu contexto histórico e também qual era a relação que poderíamos obter da Educação Física na escola. Um dos educandos relacionou a prática realizada com a Educação Física no âmbito do exercício físico, e dessa forma pudemos trazer que a dança realizada havia sim uma relação no contexto do exercício, porém mais que isso, que esta por sua vez tinha uma significação de quem a fazia. Segundo o educador indígena Marcos Karaí, esta dança faz parte da cultura Guarani; faz parte de uma preparação tanto física como mental, sem separar o corpo do pensamento, pois com a preparação de seus praticantes faz com que estes estejam sempre alertas para as dificuldades da mata e da caça.

Para a realização das pinturas corporais foi trazido urucum, que é o fruto do urucuzeiro, e cuja sua substância é tintorial com tom de vermelho. Mostramos alguns desenhos para os educandos e pedimos que estes fizessem em si mesmos, proposta que não teve a aceitação de todos: alguns por que iriam se sujar e outros por não demonstrarem muito interesse pela atividade. No entanto foi muito interessante, pois quando alguns colegas que começaram a se pintar com urucum acabavam sua pintura, iam ajudar outros colegas. Foi então um educando disse: “Nós estamos aprendendo sobre as pinturas indígenas” (educando J.). Com esta fala do educando fizemos a seguinte problematização sobre a atividade: Será que em muitas vezes não realizamos pinturas ou outras atividades sem atribuir significado algum para esta ação?

A partir dessa fala trouxemos para os educandos os significados das pinturas corporais e também das pinturas realizadas nos instrumentos feitos com material alternativo em uma das aulas realizadas, os elementos da cultura Guarani: o significado das pinturas e sua história. Com esta atividade nosso objetivo foi de enfatizar que os Guarani, e até podemos dizer que os indígenas em geral trazem consigo significações e importância em seus atos, tanto nas danças, pinturas, rituais e outros elementos que os caracterizam.

No final da intervenção falamos sobre o pajé que é o líder espiritual da aldeia, considerado como “principal” membro da comunidade e referente ao assunto também relatamos que os mais novos são preparados para assumirem o posto de líderes futuramente, e que neste sentido é que na maturidade, é intensificado o domínio das práticas culturais.

Nesta aula ainda solicitamos para que eles fizessem novamente desenhos ou escritas para confeccionar outro boneco, porém agora este seria sobre o que aprenderam da cultura indígena durante as nossas intervenções. Neste segundo boneco, os educandos, escreverem e desenharam sobre elementos da natureza e as pinturas e seus significados. Com esses dois trabalhos do boneco do conceito, foi possível mostrar aos educandos as mudanças nas suas visões e entendimentos sobre a cultura indígena contextualizando assim a aprendizagem dos conteúdos trabalhados.



Outro momento importante na aula foi à criação do ritmo da música que os educandos montaram. Pedimos para que eles dessem o ritmo de acordo com seu gosto para que assim a música e o seu trabalho de construção e finalização trouxesse prazer a eles quando estivessem tocando. Percebemos que a música contribui para o equilíbrio, expressão, enriquecimento educacional, socialização e desenvolvimento cognitivo das pessoas (MOURÃO e SILVA, 2005, p. 58).

Através desta atividade de finalização da música do grupo, eles puderam entender as relações em que os índios estabelecem com a natureza. A letra que compuseram falava sobre a preservação do ambiente e o nome da tribo deles, e o ritmo usado foi uma “batida” mais atual que é parte da cultura dos educandos.

No ultimo dia foi feita à apresentação da música para outras turmas da instituição que também se apresentaram e, após o término das atividades foi realizada problematização em um âmbito geral sobre os pontos relevantes de nossas intervenções, sempre procurando a participação dos educandos, pois como Paulo Freire (1987, p. 78), nos diz, não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão.

Um elemento importante no qual podemos analisar se dá no processo de produção do conhecimento dos educandos, onde fica muito mais rico a partir do momento em trabalhamos com a interdisciplinaridade. Pois com um tema de nossa área, trabalhado em conjunto com outras áreas de conhecimento, possibilita-se uma melhor compreensão da importância do fazer, não apenas a atividade proposta, mais sim todo o contexto que a norteia.

Valorizando a interdisciplinaridade e percebendo que esta deve trazer o conhecimento de cada área específica, permitindo as discussões entre diferentes disciplinas e interligando – as, fica notório que em nosso estágio trouxemos vários pontos que demonstram a interdisciplinaridade, pois ao trabalhar com as músicas indígenas, a dança, e as pinturas trouxemos elementos de diferentes áreas, e sempre relacionando com a EF, e algo muito importante que devemos levar em consideração se deu ao trazermos a língua materna dos índios Guarani, e desta forma envolver a questão linguística em nosso trabalho.

Considerações finais

Ao fim deste estágio observamos mudanças no comportamento dos educandos no que diz respeito a um olhar mais crítico em relação à cultura indígena (neste caso Mbyá). Tanto pela significação criada por eles das práticas realizadas, expressando novos conceitos no trabalho do Boneco do Conceito, bem como nos diálogos realizados que ao iniciar o estudo eram poucos, mas no seu decorrer foram ampliados e, o mais importante com maior número de indagações/questionamentos e também na relação com própria Educação Física, onde observou-se que os educandos puderam vela para além do desporto, sem tirar sua importância.

Ressaltamos que o processo de reflexão após nossas intervenções, nos faziam pensar e repensar nossa prática - o que poderíamos melhorar e qual a importância de cada intervenção na vida de cada educando.

Sendo este trabalho/pesquisa um estágio Docente, podemos concluir afirmando que: se pensarmos, refletirmos e sempre reesignificarmos nossas ações docentes, estaremos construindo um profundo diálogo de aprimoramento de nossa atuação a cada dia.

Referências



BRASIL, Secretaria de educação básica. **Programa ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade: relações étnico-raciais e de gênero.** Ministério da educação, 2007.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/ Secretaria de educação fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar: a mudança na escola de aula.** São Paulo: Artmed, 2002

COELHO, Luís Fernando Hering. **Música indígena no mercado: sobre demandas, mensagens e ruídos no (des) encontro intermusical.** Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/view/1640/1382>. Acessado em 25 de abril de 2009.

FUNAI, Fundação Nacional do Índio. **Povos indígenas.** - SEPS Quadra 702/902 Projeção A, Ed. Lex 70.390-025 - Brasília/DF. Ano 2009. Disponível em: <http://www.funai.gov.br>. Acessado em 29/06/2009.

FREIRE P. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.

Gil, Antonio Carlos, - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002

GRANDO, B.S. OLVEIRA, B.M. AGUIAR, E.T. **Os Saberes e Práticas Corporais Indígenas e suas Relações com os Jogos Indígenas.** In: II Seminário Nacional Corpo e Cultura: Políticas e Cotidiano da Formação em Educação Física & Seminário do CBCE, 2009. Disponível em: www.unemat.br. Acessado em: 18/03/2010.

LADEIRA, M.I. **“O Caminhar Sob A Luz”- O território Mbyá a beira do oceano.** São Paulo, 1992. 199p. Dissertação (MS) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MOURÃO, M. P.; SILVA, L. C. **A prática musical na Educação Infantil enquanto meio de aprendizado e expressão: algumas reflexões.** Ensino em Re-Vista. 13(1):57-66, julho 2004/julho 2005.

RAMOS, Alcida Rita. **Sociedades indígenas.** Series princípios. São Paulo: Editora Ática, 1986.

RIBEIRO, Vania Santos. **Proposta curricular (educação física).** Disponível em: https://www.diaadiaeducacao.sc.gov.br/arquivos_pdfs/PC-SC_Ed_Fisica.pdf. Acessado em: 18/04/2009

RICARDO, Fany Pantaleoni (Coord). **Guarani Mbya.** Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-mbya/1289>. Acessado em: 19/04/2009.



SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: uma abordagem filosófica da Corporeidade**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

SILVA, Marise Borba da. **Metodologia para a iniciação a prática da pesquisa e extensão**. In Caderno Pedagógico I; Florianópolis, 2001.

Endereço eletrônico para contato: elitonseara@gmail.com

Recurso: Data Show